

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DAS LÍNGUAS: LIBRAS É UMA LÍNGUA PURA?

HISTORIA E HISTORIOGRAFÍA DE LAS LENGUAS: ¿ES LIBRAS UNA LENGUA PURA?

HISTORY AND HISTORIOGRAPHY OF LANGUAGES: IS LIBRAS A PURE LANGUAGE?



Elias Paulino da Cunha Júnior*

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: Nesta produção buscamos compreender o processo histórico, aqui destacando a importância do contexto historiográfico em registros documentais, no sentido de delinearmos a constituição das Línguas de Sinais e da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Os aportes teóricos: L'Épée (1771), Pereira (1779), Desloges (1780), Condillac (1798), Rousseau (1978), Schaff (1991) e Auroux (2009); no âmbito brasileiro: Faraco (2005), Sofiato (2011), Campello (2011) e Cunha Júnior (2021). São referenciais que nos proporcionaram concepções teóricas necessárias para discernirmos: a história da linguística e a linguística histórica. A história da linguística consiste na recuperação de suas origens e seu desenvolvimento no tempo, enquanto a linguística histórica está para a identificação das mudanças que ocorrem nas línguas humanas na medida em que o tempo passa. Nessa direção apresentamos um questionamento para sabermos se, de fato, a Libras é uma língua pura e/ou se, em sua gênese, houve e/ou há incrustações linguísticas de outras culturas históricas. Para legitimar análise de pesquisa, a metodologia se pauta nos três registros documentais que são os dicionários: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875), de Flausino José da Gama; *Linguagem das Mãos* (1990) de Eugênio Oates; e *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mão*s (2019) de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo, Antonielle Cantarelli Martins. O que podemos observar nessas documentações são as aproximações e diferenciações em comparação com o primeiro dicionário, ou seja, a temporalidade foi ganhando novos formatos e legitimidade no alfabeto, nos sinais e no contexto cultural. Entendemos que os referenciais teóricos, as fontes documentais e as diversas áreas de conhecimento, de modo transdisciplinar, servem de entrelaçamento na formação humana no modo como ganhou notoriedade nos espaços social, cultural-lingüístico e educativo.

PALAVRAS-CHAVE: História. Historiografia. Línguas. Culturas. Libras.

RESUMEN: En esta producción buscamos comprender el proceso histórico, destacando aquí la importancia del contexto historiográfico en los registros documentales, con el fin de delinejar la constitución de las Lenguas de Signos y la Lengua de Signos Brasileña (Libras). Aportes teóricos: L'Eppe (1771), Pereira (1779), Desloges (1780), Condillac (1798), Rousseau (1978), Schaff (1991) y Auroux (2009); en el contexto brasileño: Faraco (2005), Sofiato (2011), Campello (2011) y Cunha Júnior (2021), son

* Professor na UNIFESP pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Surdo, Historiador, Pedagogo, Pesquisador em Linguística Aplicada, Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos. Pós-doutorado em Educação e Currículo com foco em Educação na América Latina. E-mail: cunha.junior@unifesp.br; eliasprofessorlibras@gmail.com.

referentes que nos brindaron los conceptos teóricos necesarios para discernir: historia de la lingüística y lingüística histórica. La historia de la lingüística trata de recuperar sus orígenes y su desarrollo en el tiempo, mientras que la lingüística histórica trata de identificar los cambios que se producen en las lenguas humanas a medida que pasa el tiempo. En este sentido, planteamos una pregunta para saber si, en realidad, Libras es una lengua pura y/o si, en su génesis, hubo y/o hay incrustaciones lingüísticas de otras culturas históricas. Para legitimar el análisis de la investigación, la metodología se basa en tres registros documentales que son diccionarios: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875), de Flausino José da Gama; *Lenguaje de manos* (1990) de Eugênio Oates; y *Diccionario de lengua de signos brasileña: Libras en tus manos* (2019) de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo, Antonielle Cantarelli Martins. Lo que podemos observar en estas documentaciones son las aproximaciones y diferenciaciones respecto al primer diccionario, es decir, la temporalidad ganó nuevos formatos y legitimidad en el alfabeto, los signos y el contexto cultural. Entendemos que los referentes teóricos, las fuentes documentales y las diferentes áreas del conocimiento, de manera transdisciplinaria, sirven de entrelazamiento en la formación humana en la forma en que ganó notoriedad en los espacios sociales, cultural-lingüísticos y educativos.

PALABRAS CLAVE: Historia. Historiografía. Idiomas. Culturas. Libras.

ABSTRACT: In this production we seek to understand the historical process, here highlighting the importance of the historiographical context in documentary records, in order to outline the constitution of Sign Languages and the Brazilian Sign Language (Libras). Theoretical contributions: L'Eppe (1771), Pereira (1779), Desloges (1780), Condillac (1798), Rousseau (1778), Schaff (1991) and Auroux (2009); in the Brazilian context: Faraco (2005), Sofiato (2011), Campello (2011) and Cunha Júnior (2021); are references that provided us with the theoretical concepts necessary to discern: the history of linguistics and historical linguistics. The history of linguistics is about recovering its origins and its development over time, while historical linguistics is about identifying the changes that occur in human languages as time passes. In this sense, we present a question to find out if, in fact, Libras is a pure language and/or if, in its genesis, there was and/or is linguistic incrustations from other historical cultures. To legitimize research analysis, the methodology is based on three documentary records that are dictionaries: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875), by Flausino José da Gama; *Language of Hands* (1990) by Eugênio Oates; and *Brazilian Sign Language Dictionary: Libras in Your Hands* (2019) by Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo, Antonielle Cantarelli Martins. What we can observe in these documentations are the approximations and differentiations compared to the first dictionary, that is, temporality gained new formats and legitimacy in the alphabet, signs and cultural context. We understand that theoretical references, documentary sources and different areas of knowledge, in a transdisciplinary way, serve as an intertwining in human formation in the way it gained notoriety in social, cultural-linguistic and educational spaces.

KEYWORDS: History. Historiography. Languages. Cultures. Libras.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta produção está em compreender o processo histórico das línguas, considerando o contexto historiográfico em registros documentais, enquanto análise valorativa, no sentido de delinearmos a constituição das Línguas de Sinais, dos Surdos, com destaque para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Para legitimar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), consideramos que o uso dos dicionários será oportuno tanto para contextualização quanto para as ações necessárias de análise. Nessa direção, apresentamos um questionamento para sabermos se, de fato, a Libras é uma língua pura e/ou se, em sua gênese, houve e/ou há incrustações linguísticas de outras culturas históricas.

Os referenciais teóricos e as diversas áreas de conhecimento, de modo transdisciplinar, servirão de aporte para entendermos como se processou esse entrelaçamento, na formação humana, e como ganhou notoriedade em seus espaços social, cultural-lingüístico e educativo.

Na seção “Estéticas em Transcendências: Aspirações de Línguas”, o ponto de partida está na estética poética, artística, e nas discussões linguísticas, para enfatizar o processo histórico dos Surdos por meio da língua de sinais, em diversos períodos, de modo a representar as aspirações que vão se entrelaçando com a arte, com o social, com o político, com o linguístico e com o cultural.

Na seção “A Língua é uma Ciência? Historicismo Linguístico e a Língua de Sinais em suas Concepções”, o intuito é historicizar a própria história da língua e, ao mesmo tempo, compreender as mudanças que ocorrem nas línguas humanas à medida que o tempo passa, ou seja, mobiliza-se a linguística histórica, a gramática, a comunicação e as concepções de reflexões. Trata-se de um questionamento para sabermos se a língua pode ser considerada, de fato, uma ciência.

Na seção “No Brasil - Quem é o Pai da Língua Brasileira de Sinais?” vamos perceber que a língua não tem dono, pois segue como fluxo de construção e de relações sociais.

Na seção “Dicionários: Historiografia Linguística”, apresentamos três dicionários, representando períodos distintos, destacando suas diferentes abordagens conceituais, não apenas como provocação à reflexão, mas também, como contribuição de ampliação de repertório acadêmico da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Assim, enquanto reflexão inacabada, a abordagem que apresentamos não se dá no sentido de desqualificar o que já foi discutido, mas ampliar o leque de possibilidades tanto do repertório de análise quanto de pesquisa. Dessa forma, seguiremos avante em nosso propósito com o objetivo de trazer maior compreensão dessa produção.

2 ESTÉTICAS EM TRANSCENDÊNCIAS: ASPIRAÇÕES DE LÍNGUAS

“Um mundo em construção. Pessoas curiosas. Será um Castelo? Uma torre dentro de outra Torre. Olho para o alto e inclino a minha cabeça para lá e para cá. Pareço cair, parece tomar ou esfalar, visões turvas de reflexos! Torre em direção ao céu. Olho para a terra: multidão, línguas diversas, mãos de vozes, gritarias de expressões, confusão em calmaria, aspirações de línguas, distintas comunicações em culturas, perturbações da expressiva arte da vida, a impureza impera!”

Surdo Poeta Cunha Júnior

Tomando como inspiração a famosa pintura: *Torre de Babel*, do artista Pieter Brueghel (1522/1525 ou 1528¹-1569), a epígrafe poética de Cunha Júnior (2022) externa um olhar sobre a arte estética de modo a transcender a construção literário-poética produtiva à sociedade contemporânea não apenas em relações de poder, mas também, em percepção linguística em que as intenções dialógicas são prospectadas.

Assim, notamos que “mãos de vozes, gritarias de expressões”, pelo viés da ótica Surda, da diversidade comunicativa e, precisamente, das características culturais, não podem ser desconsideradas quando se está tratando de línguas.

Pela estética, cor-mosaico, referenciada em meados do século XVI, não há como negar a importância do legado do pintor Brueghel seja por seus desenhos, pinturas, arquitetura, com valorização da vida cotidiana detalhando os camponeses, as pessoas de vida humilde e a vida formal/culta, seja como excelente tradutor de textos latinos. Além, disso, o artista refletiu sobre questões morais e religiosas.

Conforme Macedo (2014, p. 19): “O pintor Pieter Bruegel foi um dos mestres flamengos do século XVI e [...] apesar de viver em pleno Renascimento, sua pintura diferencia-se dos ideais de perfeição daquele período por retratar a vida de pequenas aldeias que conservavam os costumes medievais, desenvolvendo, dessa forma, um estilo próprio de pintura em suas obras.”

É justamente entre 1562 e 1563 que Pieter Brueghel irá desenhar e pintar a famosa *Torre de Babel*. Entretanto, vale destacar que essa obra não foi realizada a partir de um contato direto, do artista, nem por inspiração de outros modelos estéticos uma vez que a pintura

¹ Teria nascido em 1525, mas há versões que apontam que ele teria nascido em 1522 ou 1528, depende da análise documental. Alguns acreditam que ele teria nascido na cidade de Breda, que hoje fica na Holanda. Outros acreditam que ele teria nascido no Vilarejo de Breughel, por isso seu sobrenome ser Breughel. Interessante observar que, a partir de 1559, ele retirou o ‘h’ de seu nome e começou a assinar suas pinturas como Bruegel. Viveu durante o pleno florescimento renascentista das cidades flamengas. Os flamengos pertencem a um grupo étnico germânico que fala o flamengo (neerlandês) são encontrados principalmente na região de Flandres, um dos principais grupos étnicos da Bélgica. Por isso, Pieter Brueghel é conhecido como maior artista flamengo do século XVI, por transitar nessa região e produzir várias obras mostrando a cultura de seu tempo (Macedo, 2014).

é representada em três versões a óleo: a primeira trata-se de uma miniatura pintada em marfim, produzida quando Brueghel estava em Roma², mas desaparecida tempos depois. As duas outras obras restantes, que ganharam época, ilustram a construção da Torre de Babel, uma referência ao livro de Gênesis sobre a construção de uma torre por uma humanidade monolinguística como um símbolo não apenas de suas realizações, mas para preveni-los a não se dispersarem.

Maria Bendito (2024), ao questionar o papel da literatura na História da Arte, nos faz compreender, nas obras de Pieter Bruegel a relevância da Torre de Babel, ou seja, por meio dos estudos visuais ou culturais as possibilidades vão se concatenando a outros campos de interpretações, em multidisciplinaridade artística de diferentes contextos históricos e sociais. Assim,

É bem sabido que o mito da construção da Torre de Babel tem origem textual no Livro do Gênesis, capítulo 11, versículos 1-9. Este mito textual de caráter religioso começou logo a ser acompanhado pela respectiva tradução visual em manuscritos e pintura mural no início, e posteriormente em gravura e pintura a óleo. Esta tradução visual, comparável ao conceito de iconografia, tem uma base ortodoxa apesar das nuances e diferenças. Elementos que não podem faltar são a representação da torre em estado fragmentário, a paisagem que a rodeia, os construtores ou o orgulho de Nimrod. Enquanto mito fundador do interesse comum, o tema de Babel goza de uma recepção quase ininterrupta no Ocidente desde os primórdios da Idade Média, não como um momento de codificação textual, mas como o primeiro momento de ampla disseminação social e de esclarecimento - até hoje. Dentro desta extensa diacronia, porém, há momentos conflituosos em que o tema de Babel parece desaparecer do plano visual para entrar num território indefinido. Isto é especialmente visível quando percebemos que a imagem artística da Torre de Babel é válida até ao final da chamada época barroca. A partir de agora, Babel continua seu caminho no imaginário coletivo, mas seu código de representação se transmuta para o campo literário e, além disso, troca seu conteúdo religioso por outro de ordem sociológica. Vista desta forma, Babel e a sua imagem ou não imagem seriam uma excelente dupla para levantar questões de intermidialidade ou multidisciplinaridade artística (Bendito, 2024, p. 2)3.

A ideia da torre representa o poder de Nimrod em querer unificar território. Até esse momento, toda a humanidade tinha uma só cultura e uma só língua. Porém, devido à ousadia de Nimrod, como castigo, Deus estabeleceu que a humanidade deixasse de falar a mesma língua e, a partir desse dia, várias línguas diferentes surgem entre os homens, dificultando o processo de comunicação entre si. Por isso, esse local conhecido como Babel, em hebraico, tem o significado de confusão. Vale destacar que a narrativa do livro de Gênesis sobre a construção da “Torre de Babel”, durante o governo de Nimrod⁴, o governo dos homens, no Sul da Mesopotâmia, foi confirmada na tradução da inscrição cuneiforme realizada, em 1872, por George Smith, para o Museu Britânico⁵.

Oportuno considerar, quando se está tratando das concepções de língua, em contexto da “Torre de Babel”, sob o viés crítico do mito, segundo Sylvain Auroux (2009), que,

² Vale destacar o nível técnico e detalhado da pintura, circular, um dos motivos que inspirou esse formato foi quando Brueghel visitou Roma e conheceu o Coliseu em sua arquitetura clássica. Essa pintura de Brueghel tem seus detalhes importantes devido à dinâmica da arte em que a época, a arte apresentava seu caráter político, religioso e o próprio contexto de língua.

³ **No original:** “Es bien sabido que el mito de la construcción de la Torre de Babel tiene un origen textual en el Libro del Génesis, capítulo 11, versículos 1-9. Este mito textual de naturaleza religiosa pronto empezó a acompañar-se de su respectiva traducción visual en manuscritos y pintura mural al principio, grabado y pintura al óleo en adelante. Dicha traducción visual, equiparable al concepto de iconografía, tiene una base ortodoxa pese a matices y diferencias. Elementos que no pueden faltar son la representación de la torre en estado fragmentario, el paisaje alrededor de la misma, los constructores o el soberbio de Nemrod. En tanto que mito fundamental de interés compartido, el tema de Babel goza de una casi ininterrumpida recepción en occidente desde los albores de la Edad Media no como momento de codificación textual, pero sí como primer momento de amplia difusión social e ilustración-hasta la actualidad. Dentro de esta dilatada diacronía existen, sin embargo, momentos conflictivos en los que el tema de Babel parece desaparecer del plano visual para adentrarse en un territorio indefinido. Esto es especialmente visible cuando damos cuenta de que la imagen artística de la Torre de Babel está vigente hasta el fin de la llamada época barroca. En adelante, Babel prosigue su camino en el imaginario colectivo pero su código de representación transmuta al ámbito de lo literario y, además, intercambia su contenido religioso por otro de orden sociológico. Visto así, Babel y su imagen o no-imagen serían un excelente binomio para plantear cuestiones de intermedialidad o multidisciplinariedad artística.”

⁴ Quem ordenou a construção da Torre foi Nimrod, neto de Noé. Nimrod que era rei de várias terras. Construindo essa torre queria enfrentar Deus, ou seja, uma vingança para com Deus por conta da morte de parte de sua família, no tempo de dilúvio (Wikiart, 2024, p. 1).

⁵ “Em 1872, George Smith, pesquisador do Museu Britânico, descobriu um tablet cuneiforme que trazia o seguinte relato acerca da edificação de um zigurate que provavelmente poderia ser a Torre erguida por Nimrod: “A edificação desta torre ofendeu todos os deuses. Numa noite, eles [deitaram abajo] o que o homem havia construído e impediram o seu progresso. Eles [os construtores] foram espalhados e sua língua se tornou estranha”” (Roges, 2023, p. 1).

A estruturação do mito impõe duas ideias que vão continuar, durante séculos e frequentemente até hoje, a orientar a pesquisa: haveria uma língua primitiva (“língua mãe”), e a diversidade das línguas decorreria de uma genealogia paralela à dos povos que as falam. Essa estrutura mítica não é universal (Auroux, 2009, p. 26).

Ao transportarmos a contextualização para o tempo presente, em narrativa bíblica sobre a “Torre de Babel” expressa por meio de pintura e metamorfoseada em contexto literário poético contemporâneo, essa simbiose representa uma simbologia cultural linguística com intencionalidade e significação e, mesmo não sendo universal, essa estrutura mítica, além de transpor muitos significados, contribui para compreensão sobre a relação de poder, de conflitos e de comunicação entre os povos conforme a época que a ressignifica.

Diante da realidade social e cultural de uma mentalidade que buscava seus significados linguísticos, coube “à época moderna mudar significativamente o estatuto da questão, especialmente, ao laicizá-la”, ou seja, subtrair a influência religiosa ao “fazer a inflexão da pesquisa sobre a origem das línguas” de modo a remontar à própria época do Iluminismo quando o “parentesco das línguas por ‘famílias’ torna-se uma nova preocupação”, isto porque, “nessas condições, aparece necessariamente a questão da relação que todas as línguas do mundo têm entre si” (Auroux, 2009, p. 27-29).

Para Auroux (2009), a questão da origem das línguas gerou divergências entre os pensadores desse período como é o caso de Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780), que acredita no princípio da necessidade, que faz com que a existência seja percebida de modo a observar uma língua em seus avanços sucessivos, dado que haveria dificuldades de entendimento conforme as regras foram se estabelecendo.

A linguagem, enquanto pensamento, está conectada à própria ideia de ação que não pode ser dissolvida pela experiência do que se observa e experimenta, pois está contida na vivência em que a língua natural, em seu princípio e/ou em algum momento, foi composta por signos, possibilitado ao mundo discernir e diferenciar em torno dos contextos em que a existência humana faz parte. Assim, Rego (2017) enfatiza que,

Para Condillac, enquanto a linguagem de ação não consegue ser útil à decomposição do pensamento, visto que serve apenas para sanar as necessidades de sobrevivência mais básicas e imediatas, a língua natural, porque composta de signos linguísticos articulados, tornou-se o principal método de análise da natureza. Isto significa concebê-la como instrumento pelo qual os homens aprenderam a observar e a experimentar as coisas do mundo, classificando-as na medida em que consegue diferenciá-las (Rego, 2017, p. 18).

Sobre a primeira língua, Condillac não pretende afirmar que os homens a fizeram, mas que “apenas teriam podido fazê-la”, ou seja, para o autor, esse é um processo perpassa a ciência de uma língua particular. Familiarizados com o tipo de linguagem, em seu contexto mais natural, os homens nominavam as coisas pela propriedade e pelo caráter do objeto. Porém, com o tempo as nomeações das coisas foram desencaminhadas pelo uso das palavras seja em analogias no campo das ideias seja pela ação que presidia a formação das línguas.

Os filósofos, por sua vez, preconceituosos demais ou vaidosos demais para suspeitar dos limites da mente humana, não duvidaram de que os primeiros inventores das linguagens conheceram a natureza dos seres. O estudo dos nomes deve, portanto, parecer um meio muito apropriado para descobrir a essência das coisas; e, o que confirma essa opinião, é que entre as denominações, viam-se várias que ainda indicavam sensivelmente as propriedades ou o caráter dos objetos. Sendo este preconceito generalizado, não foi difícil determinar a influência que poderia ser atribuída a cada planeta (Condillac, 1798, p. 37-38).⁶

Para Condillac (1798) a concepção da mente, “para descobrir a essência das coisas”, enquanto condição humana se processa por meio das invenções de nomes, denominações e de significados em que a língua vai se apropriando e se constituindo.

⁶ **No original:** « Les philosophes, de leur côté, trop prévenus ou trop vains pour soupçonner les bornes de l'esprit humain, ne doutaient pas que les premiers inventeurs des langues n'eussent connu la nature des êtres. L'étude des noms devait donc paraître un moyen très propre à découvrir l'essence des choses ; et, ce qui confirme dans cette opinion, c'est que parmi les dénominations, on en voyait plusieurs qui indiquaient encore sensiblement les propriétés ou le caractère des objets. Ce préjugé étant généralement répandu, il n'était pas difficile de déterminer l'influence qu'on pouvait attribuer à chaque planète.» (Condillac, 1798, p. 37-38).

Em se tratando das concepções de língua aos Surdos, Condillac menciona que

A linguagem da ação, que passa do status de linguagem natural para a de linguagem que "não é mais uma língua puramente natural", até que se torne uma língua artificial, [...] refere-se em nota à instrução dos surdos e mudos pelo Abbé de l'Épée para apoiar a tese de que a linguagem da ação artificial "pode ser extensa o suficiente para tornar todas as concepções da mente humana" (Condillac, 1798, pp. 443 a-444 b).

Ao expressar as ideias no modo de conceber a língua, Condillac (1798) explica que as línguas se conformam, em diferentes graus de perfeição, para a análise do pensamento. A decomposição do pensamento, as línguas pela progressiva artificialização da linguagem da ação, que constitui "o primeiro objeto da linguagem", ou seja, quando menciona o meio de comunicação aos Surdos, em seu tempo, entende essa prática como o modo da língua artificializada e não enquanto status natural.

Essa discussão sobre a naturalidade da língua que envolve os Surdos e a realidade social em seu contexto, desde décadas anteriores já impulsionava l'Épée a manifestar suas preocupações com o ensino aos Surdos. Compreendendo a potencialidade de aprender outras línguas, L'Épée defendia os sinais como formas próprias de comunicação que, auxiliada por um método⁷ e por um dicionário, possibilitaria entendimento e reconhecimento enquanto vantagem para superar o preconceito universal. Daí, externar preocupação e o porquê de sua reflexão,

Porqué? Porque sou mortal... Estou quase com sessenta anos. Quem instruirá os surdos depois de mim? Imaginei, pois, que levando os meus alunos a participarem num exercício público em quatro línguas..., tornar-se-ia evidente que os surdos e mudos são susceptíveis de instrução como as outras crianças. Como consequência, lisonjeio-me pensado que talvez encontrasse uma Potência que quisesse formar uma casa nos seus Estados. Desde esse momento, cedo alguém que depois de mim (não importa em que país fosse) continuaria a minha obra; e cedo ou tarde outras Potências reconheceriam a vantagem [...]. Bastaria que me enviassem alguém inteligente, com um método e um dicionário do seu país, posso assegurar que, com a ajuda dos meus sinais metódicos, igualmente aplicáveis a todas as línguas, entender-nos-íamos desde o primeiro dia, qualquer que fosse a sua língua e na que o mais tardar em seis meses, regressaria à sua terra este novo professor de surdos e mudos, capaz de conduzir perfeitamente a sua casa. Propagar um método tão simples, é esta, Senhor, a única recompensa que pretendo deste mundo, e declaro expressamente que não aceitarei qualquer outra, de onde quer que me fosse oferecida, gratis accipistis, gratis date (Matth. 10, 8). [...] É bem desejável, meu querido amigo, que nos desfaçamos deste preconceito que universal, que a instrução dos surdos e mudos é uma operação muito difícil. A obra é extraordinária, concordo, mas não é difícil [...] (Carta de impressa de M. L'Abbé X... professor de surdos e mudos, ao M. L'Abbé X. seu amigo íntimo, 1771).

Interessante observarmos que essa carta de L'Épée já estava escrita duas décadas antes dos escritos de Étienne Bonnot de Condillac, ou seja, L'Épée vai além do seu tempo compreendendo o ensino do francês, do latim, de sinais e não aquele método apenas para o uso dos órgãos da fala. Mas "desabituá-los da sua linguagem arbitrária; ora pensei consegui-lo ensinando-lhes uma segunda língua" (L'Épée, 1771), ou seja, o pensamento pode formar-se a partir da observação de sinais, de expressões faciais, sem a necessidade do ouvido o que, no dizer de L'Épée, sugere que a compreensão pelos sinais pode ser universal, independente do país ao qual os Surdos pertencem.

A preocupação de L'Épée por meio dos escritos, das cartas, estava em expandir o seu trabalho com os Surdos de modo a despertar outros colegas a buscar compreender sua concepção de língua. Nessa direção amigo de L'Épée, Abbé, em resposta à carta, diz que: "[...]; os nossos sinais, pelo contrário, partem sempre da natureza, ou apanhando-a em pleno voo, quando ela se impõe por si própria, ou a ela se chegando recorrendo à análise, quando não se oferece numa primeira instância" (Carta de impressa do Abbé X... ao M. L'Abbé X... professor de surdos e mudos, ao 1771).

⁷ Quanto à originalidade do método, D'Arnobat lembra, em 1803, que, antes de l'Épée, vários reeducadores de surdos e mudos já tinham tido ideias semelhantes, não se justificando, por isso, o título de 'inventor do método, como, então, o apelidaram ou se apelidou, embora o tenha, claramente, desenvolvido e aprofundado. Fonte: Essai sur de prétendus découverts nouvelles, Dont la plupart sont âgées de plusieurs siècles. Paris: C.F.Patris, p. 23 (Salgueiro, 2010, p. 306).

Em outro ponto, agora sob o olhar observador de Rousseau, em seu *Discurso sobre a origem da Desigualdade* (2007) e *Ensaio sobre as origens das línguas* (1978), temos um importante legado histórico, filosófico e linguístico, a contribuir para uma nova perspectiva à luz dos direitos naturais e do direito civil. Aqui, a preocupação estava voltada para a formação do humano e, por conseguinte, a formação das línguas.

Enquanto identificava a especificidade do ser infantil por um lado, por outro, Rousseau projetava o homem do amanhã delimitando a fronteira entre o homem da natureza que era ser livre e espontâneo-natural com o homem civil que mascarava, venerava a instituição e vigiava o selo social.

Nesse prisma, a educação só fazia sentido a partir do interesse da criança e não a partir do interesse do adulto, ou seja, dar à criança autonomia para a construção de repertório e para se desenvolver intelectualmente. Neste sentido, no que diz respeito ao aprendizado das línguas, Rousseau considerava que,

Todas as crianças têm necessidade de aprendê-las e inúmeras não o conseguem com facilidade. Em todas as línguas, as exalações mais vivas são inarticuladas. Os gritos e gemidos são vozes simples; os mudos, ou seja, os surdos, só lançam sons inarticulados. O Padre Lamy não concebe mesmo que os homens pudessem jamais inventar outros sons, se Deus não os ensinasse expressamente a falar. As articulações são poucas, os sons são inúmeros e os acentos, que os distinguem, podem do mesmo modo multiplicar-se (Rousseau, 1978, p. 165).

Em se tratando da formação da criança, a própria percepção da formação enquanto língua para esse processo é fundamental. Nessa direção, Rousseau (1978) já estava preocupado com as características linguísticas das crianças e do processo comunicativo entre elas. Assim, as crianças Surdas, as que são então denominadas mudas, e os cegos têm uma forma de entendimento de formação de linguagem, na medida em que a mensagem faça sentido para a formação da língua e lhe garanta o entendimento.

Assim, Rousseau (1978, p. 162), afirma que “[...] esses mensageiros cegos, surdos e mudos — não se entenderiam menos bem, mostrando tal fato que, dos dois sentidos pelos quais somos ativos, um só bastaria para formar-nos uma linguagem”, ou seja, o foco de observação e de estudo de Rousseau são as crianças ouvintes em sua formação do falar e do comunicar, mas que tivesse sentido em si e não meramente as palavras sem entoar o sentimento de entendimento. Isto porque, a linguagem, em processo de uma língua não nasce pronta e acabada, mas vai gerando uma lógica de entendimento, conforme a idade e ao contexto.

Por conta dessa preocupação, Rousseau (1978) denuncia as práticas de insistências que têm como intuito forçar as crianças a desenvolverem a fala o mais rapidamente possível, como um comportamento de controle sobre o outro, por meio da admoestação a todo o instante.

Essa lógica é desrespeitosa, pois é necessário compreender o momento, o tempo e o contexto da criança para que o amadurecimento da língua ocorra em consonância com o mundo em que se vive. Dessa forma, o princípio transladado para a compreensão do outro está na percepção da comunicação e no modo em que as ideias são compartilhadas e expressadas. Ademais,

Parece, ainda pelas mesmas observações, que a invenção da arte de comunicar nossas ideias depende menos dos órgãos que nos servem para tal comunicação do que de uma faculdade própria do homem, que o faz empregar seus órgãos com esse fim e que, caso lhe faltassem, o fariam empregar outros órgãos com o mesmo fim. Daí ao homem uma organização tão grosseira quanto possais imaginar: indubitavelmente, adquirirá menos ideias, mas, desde que haja entre ele e seus semelhantes qualquer meio de comunicação pelo qual um possa agir e o outro sentir, acabarão afinal por comunicar todas as ideias que possuem. (Rousseau, 1978, p. 162)

Oportuno compreender que, na época de Rousseau (1978), século XVIII, as discussões pairavam em torno de como compreender as ideias, a formação da criança até a fase adulta, as línguas, o conhecimento. Nesse contexto, ouvir era considerado como a única forma de comunicação. Por conta disso havia limitação na compreensão sobre o ser Surdo, mesmo ele utilizando outra forma de comunicação, que se processava por meio das mãos. Daí o questionamento de Rousseau, pois outros órgãos com a mesma finalidade também contribuem “[...] desde que haja entre ele e seus semelhantes qualquer meio de comunicação pelo qual um possa agir e o outro sentir, acabarão afinal por comunicar todas as ideias que possuem”, fazendo alcançar os objetivos necessários. Levando, essa realidade em consideração, Rousseau (1978, p. 163-164) conclui que,

[...] por evidência, não se deve a origem das línguas às primeiras necessidades dos homens; seria absurdo que da causa que os separa resultasse o meio que os une. Onde, pois, estará essa origem? Nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes. Os frutos não fogem de nossas mãos, é possível nutrir-se com eles sem falar; acossa-se em silêncio a presa que se quer comer; mas, para emocionar um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza impõe sinais, gritos e queixumes. Eis as mais antigas palavras inventadas, eis por que as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas. [...]

No que diz respeito à origem da língua, Rousseau (1978) deixa claro que não existe a origem em si, mas que esse processo é realizado por meio das necessidades, das interações e dos contatos com os semelhantes que faz valer para a vida social. Dessa forma, o repertório linguístico se processa por meio das necessidades morais e do fazer sentido à vida que a natureza nos proporciona em forma de sinais, de comunicação e do viver.

Vale destacar que Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), com os escritos da formação educativa das crianças à fase adulta, e Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), que refletiu sobre como reeducar as crianças Surdas na França, além de serem contemporâneos, cada qual, em seu contexto de análise e de produções, deixou grande contribuição para as reflexões de seu tempo.

Jacob Rodrigues Pereira, além de ser profundo estudioso das línguas, tinha uma grande preocupação com a formação das crianças no aprendizado de todas as línguas necessárias, de modo a serem reeducadas por meio de dicionários, métodos e gravuras a fim de terem acesso às palavras e ao entendimento. Incluam-se, aqui, também, as crianças Surdas.

Não dissimulamos perante nós próprios às dificuldades de um empreendimento de tais proporções. Mesmo uma aplicação como a nossa de quarenta anos no estudo das Línguas, não nos parece constituir título suficiente para aspirar à perfeição. Julgámos, pois, dever pressentir o gosto do Públco, apresentando-lhe uma Nomenclatura limitada aos objetos representáveis por Gravuras. Mostrámos o Prospecto e o primeiro ensaio no mês de Abril. Era o suficiente para fornecer às crianças e aos principiantes o meio de conseguirem ler em todas as Línguas, e de aprenderem cerca de três mil termos, dos mais necessários (Pereira. *Observations sur treize des Principales Langues de L'Europe*, 1779).

Jacob Rodrigues Pereira (1779), em escritos realizados ao longo de 40 anos de estudo, buscou compreender o processo da formação da língua, da comunicação e criação de materiais, bem como da dicionarização das palavras para fazer com que as crianças, principiantes, conseguissem ler em todas as línguas.

Mediante esse contexto de produção, Jacob Pereira se surpreende ao receber uma carta de Pierre Desloges, Surdo e professor que ensinava estudantes também Surdos. A importância, desse contato não surpreende apenas pela formação que esse Surdo professor apresentava, mas também o processo que percorreu para realização de sua formação, uma vez que foi realizada por meio do sinalário e das práticas pedagógicas, ofertados, pelo método de M. Abbé de L'Épée. Certamente, segundo Pereira, “os sinais são essenciais para a instrução não apenas de surdos, mas de toda a gente”, por isso “não se pode concluir daí que os sinais sejam a única base de instrução dos surdos e mudos” (Pereira, 1780).

Nada me parece mais natural, vindo da vossa parte, do que a aprovação inteira e quase sem restrições dos sinais, pois que, no vosso estado, era-vos impossível conhecerdes outra maneira de vos explicardes e de ouvir ou de compreender os outros. Sem dúvida que os sinais são essenciais para a instrução não apenas dos surdos, mas de toda a gente, e sem eles quase nada poderia ser ensinado ou aprendido; e sem qualquer dúvida, ainda, que o virtuoso M. L'Abbé Abbé de L'Épée tem o mérito infinito de lhes ter introduzido um método, etc. Mas [...] há mal entendidos nos debates elevados ocorridos entre M. L'Abbé de L'Épée e M. L'Abbé Deschamps. Seria possível, recurso a sinais, aprender fosse o que fosse na infância? Seria mesmo possível exprimir as paixões fortes por simples palavras? Um só gesto diz mais e mil vezes melhor, do que mesmo as palavras mais enérgicas seriam capazes de o fazer. Para vos dizer, numa palavra, tudo o que penso sobre o assunto, é que nos debatemos sem nos entendermos. [...] Deschamps acredita como eu que os sinais são convenientes, úteis e mesmo essenciais, mas não se pode concluir daí que os sinais sejam a única base de instrução dos surdos e mudos. Assim seria se só houvesse surdos no mundo [...] (Pereira. Carta para Pierre Desloges, 1780).

É possível perceber que Jacob Rodrigues Pereira reconhece, sim, a importância dos sinais e surpreende ao considerar essa comunicação como útil para a formação estudantil, bem como os métodos que constituem o referencial de aporte para realização do processo educativo realizado por meio de sinais. Ademais, além de demonstrar preocupações e questionamentos sobre a formação das crianças, o autor comprehende que outras línguas e formas de aprender seriam necessárias para expandir o aprendizado e a forma de instrução dos Surdos para além dos sinais.

Assim como há importância dos escritos dos enciclopedistas do iluminismo, a contribuição de Jacob Pereira por meio de *As Treze das Principais Línguas da Europa*, publicada em 1779, não pode ser desconsiderada. Quando menciona, no começo de sua obra, a conceituação da “torre de babel”, Pereira, não busca apenas desvendar esse emaranhado de línguas em suas dimensões, mas também compreender a língua-mãe enquanto unidade antes mesmo da formação dessa Torre de Babel, de modo a religar com todos os homens, em sua atualidade para que a humanidade tivesse o bem comum.

Diante do itinerário delineado anteriormente, podemos considerar as Estéticas em Transcendências como processo de reflexão na compreensão das línguas para além da arte de se expressar, de se comunicar, de dialogar, pois esse processo reflexivo perpassa diversos momentos históricos da linguística, aspirando novas culturas e percepções de mundo. Destaca-se a corrente linguística em que os Surdos estiveram/estão inseridos, em cada época e contexto.

3 LÍNGUA É UMA CIÊNCIA? HISTORICISMO⁸ LINGUÍSTICO E A LÍNGUA DE SINAIS EM SUAS CONCEPÇÕES

Há muitos anos a Linguística⁹ é a área científica que investiga a língua. Nessa perspectiva, a ciência não pode ser entendida de forma separada e dissociada do conhecimento, uma vez que ela reconhece novo saberes, desde os prospectados no campo das ideias, como também, aqueles produzidos na vida cotidiana. Assim, também, a língua – considerando as criações de conceitos, de palavras, de ideias, de sinais, de simbologia e vestígios culturais que redundam num corpo social – exige produções que perpassam o conhecimento conforme ele vai evoluindo em constante construção, como componente sociológico, histórico e/ou cultural/linguístico, ao longo do tempo.

Portanto, considerar a língua de sinais, a língua escrita, a língua falada, a língua em traços e de marcação cultural significa ter compreensão de que, assim como a ciência, em decurso de tempo, o conhecimento também pode se apresentar na formação de outro conhecimento novo em um dado tempo histórico. Um marco que permite outras descobertas, novos instrumentos de análises no campo das ciências da linguagem e das línguas. Assim, a origem da diversidade cria condições para o campo da consciência como gênese de normalização das diferenças, conforme destaca Auroux (2009, p. 26-28):

O discurso sobre a origem das línguas pertence ao campo da ficção, o campo da estátua do Tratado das sensações ou do “mudo por convenção” desde que Diderot lança mão para retratar a gênese de nossas ideias (carta sobre os surdos e mudos, 1751) [...] o mesmo acontece com a origem da linguagem: o que se deve compreender não é a história da linguística da humanidade, são as condições que fazem com que a humanidade possua a linguagem ou, ainda, a própria natureza da linguagem [...] Quando se trata da origem das línguas, isso equivale a aceitar aquilo que foi chamado, nos anos 1960, do século XX, como “circularidade da origem” [...] um dualismo entre a ordem dos fatos empíricos (históricos e, eventualmente, materiais) e a esfera do sentido.

⁸ “O historicismo, é assim principalmente uma tendência para captar a natureza, a sociedade e o homem em constante movimento, nas suas mutações continuas. [...]. No entanto, o problema consiste em saber não apenas como vemos o mundo, mas também como o compreendemos e o explicamos” (Schaff, 1991, p. 189). “Historicismo, de modo geral, [...] procura se concentrar no particular, naquilo que torna cada sociedade singular em si mesma, nos aspectos que fazem de cada processo histórico algo específico” (Barros, 2012, p. 405).

⁹ “Neste ponto, é importante dizer que a linguística como ciência não nasceu evidentemente do nada. Precedem as formulações modernas sobre a linguagem os milênios em que as pessoas, em diferentes sociedades, pensaram a questão da linguagem. Qualquer livro de história da linguística pode ilustrar esse longo e intrincado caminho que passa pelos estudos linguísticos” (Faraco, 2005, p. 130-131). Vale destacar que há duas disciplinas distintas: a história da linguística e a linguística histórica. “Uma coisa é estudar a história de uma ciência, recuperando suas origens e seu desenvolvimento no tempo – é o que se faz na história da linguística. Outra coisa é estudar as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa, atividade específica dos estudiosos de linguística histórica” (Faraco, 2005, p. 13).

Como se pretende evidenciar, a *Carta Sobre os Surdos e Mudos*, de Diderot (2006 p. 85) não está endereçada “a surdos e mudos”, propriamente, mas a linguistas, pois aborda os problemas das traduções e a estética da linguagem durante a tradução de uma língua a outra. Entretanto, considerando que esses problemas de tradução e estética também acontecem quando tratamos das línguas de sinais, em contexto histórico, sua evolução vem ocorrendo com bastante atenção, desde quando os registros documentais aparecem com maior ênfase a partir do século XV, quando da presença de religiosos vocacionados para as questões sociais e com a formação de ensino-comunicação. Vale ressaltar, ainda, que isso acontece porque, embora as formas comunicativas tenham existido em tempos históricos e sociais, elas sempre foram parcamente registradas.

Se, de um lado, existia a cultura da oralidade, a cultura das gerações comunicativas e de outro as gerações de sinais, conforme o contexto cultural e social em seu tempo, isso permite reflexão linguística para se compreender como ocorreu, em registro histórico (documental), a própria historiografia linguística, o processo da legitimidade das línguas.

O pesquisador francês Sylvain Auroux (1994) considera, em sua obra *Revolução Tecnológica da Gramatização*, o Renascimento como o início de um processo que distingue a tradição ocidental de todas as outras tradições de reflexão linguística, pois se refere à gramatização dos vernáculos europeus e das outras línguas do mundo a partir da tradição greco-latina. Ou seja, a gramatização dos vernáculos, utilizada sempre para designar o idioma puro, tanto no falar, como no escrever; sem fazer uso de palavras de idiomas estrangeiros.

A própria gramatização vai mudar de formato no Ocidente ao longo da história da gramática e ao longo da história da ciência da linguagem. A partir do greco-romano, vão surgindo o italiano, espanhol, alemão, português, francês, aqui, vamos perceber que muitas das interpretações filosóficas vão acabar por entrar na própria gramática institucional, escolar. As duas coisas vão confluindo, às vezes se misturando, pois não dá para pensarmos em separação.

Auroux (1994) vai dizer que a gramática e o dicionário são dois instrumentos linguístico importantíssimos que apareceram na história do Ocidente e isso mudou todo o contexto. Ou seja, a sociedade que tem gramática não se processa da mesma forma que a sociedade que não tem gramática. A isso Auroux (1994) vai chamar de Revolução Tecnológica da Gramatização.

A primeira grande revolução é a Revolução Escrita: tão importante quanto a invenção da roda e do fogo. Sua importância está diretamente ligada às ferramentas de poder, a invenção da religião, a formação dos grupos sacerdotais, a consolidação de uma sociedade em castas e, por conseguinte, do processo civilizatório.

A Segunda Revolução diz respeito à gramatização, com o dicionário e a gramática como instrumentos. O dicionário aparece enquanto instrumento linguístico para a compreensão dos significados das palavras para determinados povo e língua.

Colocar a palavra e desmistificar o seu significado (os primeiros dicionários não são monolingües e sim bilíngues) dá ao dicionário a importância e a valorização, que ele merece, ao contribuir com o avanço da intercomunicação entre os povos. Como exemplo, os primeiros dicionários Sumérios que apresentavam, via escrita cuneiforme, uma lista de palavras oriundas de línguas estrangeiras com seus significantes e significados conforme seu signo linguístico.

Enquanto a gramática trata do domínio linguístico para compreensão sobre qual a forma correta em dar sentido às conjugações, a gramatização objetiva colocar todas as línguas do ocidente no modelo e padrão greco-latino.

Como a língua é um produto histórico, político, social e cultural, a grande revolução da gramatização que vai acontecer no século XV em diante descortina todo o contexto do período moderno, apresentando os acontecimentos históricos, das grandes navegações e do renascimento cultural, de modo que a gramática das línguas europeias, de forma direta e/ou indireta, sofrerão influência tanto do modelo Latino e Greco-Latino quanto de outros povos do período moderno.

Oportuno destacar que não podemos confundir a gramática com a língua, pois a língua já existia assim como a diversidade de línguas também já se fazia presente. Lembrando que, na transição para o período moderno, já não era mais o latim que

predominavam. Aqui, as expressões neolatinas ou modernas ganham força uma vez que, nesse contexto, elas ainda não são chamadas de línguas. Até porque, até 1500, a língua predominante no contexto europeu era o Latim.

Quando apresentamos o Latim, como língua, levamos em consideração o código, as regras, a forma da escrita e tudo o que está estabelecido nas partes do discurso no que a língua possibilita. Dessa forma, é preciso entender a evolução da língua, enquanto ciência, desde a época helenística quando possibilitou o aparecimento de gêneros literários direcionado para um público diversificado, conforme as regiões conquistadas.

Marilena Chauí (2000, p. 17) destaca que “as línguas são convencionais”, pois, “surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, ou, em outros termos, são fatos culturais”. Portanto, segundo a autora, quando concebida, a língua “se torna uma estrutura ou um sistema dotado de necessidade interna”. A partir daí, passa a operar naturalmente com “suas leis e princípios, independentes dos sujeitos falantes que a empregam”.

Quando trazemos análise sobre a língua de sinais, devemos considerar que ela não é uma mistura de mímica e gesticulação e que a Libras não é universal, pois, assim como ocorre nas demais línguas, cada sociedade se expressa na sua própria língua de sinais. Assim,

As línguas de sinais são visuoespaciais, ou seja, para sua realização, utilizam a visão e o espaço, e não o canal oral-auditivo. Como a língua foi tradicionalmente associada à fala, várias concepções inadequadas surgiram quanto ao estatuto das línguas de sinais como sistemas linguísticos, bem como em relação à composição de suas características [...] conseguem perfeitamente expressar pensamentos abstratos, a exemplo dos complexos conceitos vinculados a diversas áreas (Baggio; Nova, 2017, p. 19).

Conforme a abordagem trazida por Baggio e Nova (2017), a caracterização da língua de sinais no que concerne ao meio de comunicação, está envolvida no visuoespacial como status linguístico: com suas estruturas, gramáticas e expressões vinculadas ao contexto cultural, social e comunicativo pela qual o Surdo está inserido em seu país.

Para que a língua visual pudesse ter notoriedade histórica, os percursos foram de grande embate e de reflexões, conforme o próprio documento histórico, enquanto historiografia linguística, tem nos mostrado por meio de registro entorno da formação comunicativas dos Surdos.

Vale ressaltar que analisada por Auroux (1994), essa segunda revolução que diz respeito à gramatização, com o dicionário e a gramática, como instrumentos, não podem ser confundidos com a língua. É nessa direção que, ao analisarmos a formação da língua de sinais em cada contexto histórico, vamos ter os documentos, enquanto dicionário, direcionado para corresponder aos Surdos e métodos de ensino que melhor correspondam à formação linguística. Porém, no que pese a grande contribuição dos dicionários em termos de registro de sinais, a preocupação gramatical se fazia presente nas discussões que envolviam o processo linguístico dos Surdos.

A partir da terceira revolução, aqui entendida por Auroux (1994) como Revolução Tecnológica, considerando a nossa época, temos as ferramentas tecnológicas que se apresentam como caminhos alternativos para a comunicação seja em língua nacional ou para dialogar com outras línguas. Assim, para a organização das línguas naturais, a tecnologia da linguagem, no momento atual, contribui para a convivência das pessoas em uma sociedade cada vez mais influenciada por seus sistemas computacionais exímios, no uso das redes sociais, das chamadas de vídeos, na leitura de jornais digitais, entre outros meios tecnológicos.

Importante salientar que a utilização da tecnologia da linguagem humana, especializada não apenas na análise, na produção e na modificação textual, mas também na fala (para as línguas orais) e nos sinalários (para as línguas de sinais), possibilita grandes avanços interdisciplinares não somente para as disciplinas em si, mas também para as condições transdisciplinares de conteúdos entrelaçados em aprendizagens significativas a caminho da efetivação, em diferentes contextos, das práticas que envolvem a Libras, o português, o espanhol, e outras línguas, tudo isso por meio do uso tecnológico no processo educativo.

4 NO BRASIL – QUEM É O PAI DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS?

Historicamente, no Brasil, observamos a existência de uma construção linguística diferenciada. Isso porque no processo social que se estabeleceu, as relações linguísticas foram gestadas por meio de conflitos e/ou de acomodação das múltiplas culturas que compõem o cenário étnico brasileiro: povos indígenas, negros, imigrantes franceses, alemães, espanhóis, italianos, japonês, poloneses, ucranianos, ingleses, chineses, bolivianos, pomeranos (no sul do Brasil) e talian (estado do Espírito Santo).

É justamente no Brasil, no período que vai de 1854 a 1862, contexto histórico dos Surdos brasileiros, que encontramos a existência de uma rede de assistência mútua entre os imigrantes franceses residentes no Rio de Janeiro. Mas o que isso tem a ver com os Surdos? Ora, se vamos tratar aqui sobre língua de sinais brasileira, não podemos esquecer a influência da língua de sinais francesa. Foi por meio desse cosmopolitismo cultural que Ernest Huet, um Surdo francês, deixou sua marca histórica e linguística.

O século XIX, especificamente no Brasil, pode ser considerado o período em que tanto o social quanto o cultural giravam em torno da cultura francesa. Além disso, no que diz respeito ao universo cultural educacional dos Surdos na França desse período, o destaque era para o Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris, que atuava nessa linha educativa.

Portanto, uma vez que o fundador e o idealizador do ensino para Surdos, no Brasil, foi Ernest Huet, Surdo e francês, fica fácil entender a influência que inspirou o ensino para os Surdos, brasileiros. Assim, conforme menciona Cunha Júnior (2021, p. 38),

[...] é fácil entender a razão de o ensino para os Surdos brasileiros começar sob inspiração francesa, uma vez que o fundador e idealizador do ensino para Surdos, no Brasil, Ernest Huet, era Surdo e francês. O professor Huet, apresentou um relatório, em junho de 1855, ao imperador D. Pedro II, onde constava a intenção de criar um instituto para Surdos nos moldes dos institutos franceses. Professor de formação, foi diretor do Instituto de Surdos de Bourge, na França. Imigrou para o Brasil, em 1855, a convite do imperador D. Pedro II para realizar projeto e a fundação de um instituto que atendesse às pessoas Surdas, no país.

Considerando o período no qual Huet esteve no Brasil, apesar do desafio da língua, da desconfiança e das dificuldades estruturais, devemos reconhecer sua grande contribuição para a causa Surda, pois Huet deixou um grande legado de sinalários franceses, livros e outros materiais que contribuíram para mudar a história dos Surdos brasileiros e, assim, tirá-los da invisibilidade. Para efeito histórico, Huet fez emergir e conscientizar sobre a importância de agregar os estudantes em instituição escolar.

Assim, Huet, deu uma grande contribuição histórica e cultural, de modo que mesclou a cultura francesa e brasileira, e ampliou olhares direcionados para os estudantes Surdos, em sua formação de ensino-aprendizagem e de conhecimento. Dessa forma, Cunha Júnior (2021) enfatiza que,

A dupla realidade cultural, francesa e brasileira, Surda e ouvinte, desse cosmopolitismo, experimentado nos espaços do instituto, aliada ao legado deixado por Huet, serviram de aporte aos futuros diretores do instituto para o direcionamento do processo educacional a ser oferecido aos Surdos. Como o caso do médico Tobias Rabello Leite, designado para ser diretor, lá permanecendo por 28 anos (1868 a 1896). Leite tinha como preocupação se aproximar do Instituto de Surdos de Paris, buscando envolver outras províncias brasileiras. Leite também traduzia e reproduzia vários livros, manuais e compêndios franceses, alguns deixados por Huet, e outros conseguidos junto ao Instituto de Paris, para entender como poderia educar os Surdos brasileiros (Cunha Júnior, 2021, p. 42).

A tentativa de Tobias Leite era a aproximação da instituição com a sociedade para que as pessoas tomassem conhecimento do papel desempenhado pelo Instituto e, assim, valorizassem o seu trabalho. Oportuno compreender que, nesse contexto, Flausino José da Gama, Surdo brasileiro e aluno do instituto, nos deu uma grande contribuição quando teve contato “com um livro francês que apresentava um sinalário, em língua de sinais francesa, elaborado por um Surdo do Instituto de Surdos de Paris, por nome de Pelissier”¹⁰. O contato com esse livro trouxe um despertar que podemos considerar um marco histórico para a cultura Surda

¹⁰ “Pierre Pélissier – Foi poeta, literato e professor de Surdos, em meados do século XIX na França, na Escola Imperial para Surdos-Mudos de Paris. Registrou um Dicionário para a legitimidade da Língua de Sinais Francesa. Essa obra documental em sinalários serviu de referência para o Surdo brasileiro Flausino José da Gama” (Cunha Júnior, 2021, p. 44).

brasileira, uma vez que estimulou Flausino a reproduzir um livro semelhante, acrescentando os sinais praticados para os Surdos do Brasil.

O legado histórico do Surdo Flausino José da Gama, com a elaboração de sua obra *A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, publicada em 1875, contribuiu, grandemente, para a área educacional e, sobretudo, linguística, não apenas como marca documental, mas em prol da legitimidade cultural dos Surdos. Os sinalários apresentados por Flausino contemplaram os entendimentos do contexto do Surdo brasileiro.

A pesquisadora Sofiato (2011) considera Flausino uma grande referência por ser pioneiro na publicação dessa obra, pois o seu registro tem um valor real para a cultura Surda brasileira. Não só por seu pioneirismo nessa área, mas, principalmente, por ter sido compilada e desenhada por um Surdo.

Ao analisar a obra de Flausino da Gama, Campello (2011) destaca que o caráter fonético-fonológico da língua de sinais francesa miscigenou a constituição da língua de sinais brasileira. Para a autora, pelo fato da comunicação ágrafa prevalecer entre os Surdos, sem nenhum registro de sinais anterior, aqui, no Brasil, a obra de Flausino deve ser considerada um registro documental de extrema importância.

Embora tenhamos as influências da cultura francesa enquanto sinalários e a reprodução, pensando na cultura brasileira, não podem negar as contribuições e o legado documental para ulteriores produções de dicionarização, como, por exemplo, as obras: *Linguagem das Mão*s de Eugênio Oates (1990) e *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mão*s (2019) de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo, Antonielle Cantarelli Martins e entre outras produções.

5 DICIONÁRIOS: HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Diante do contexto histórico e linguístico, a seguir faremos análise de três dicionários: *Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos* (1875), de Flausino da Gama; *Linguagem das Mão*s (1990) de Eugênio Oates; e *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mão*s (2019), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo, Antonielle Cantarelli Martins.

O intuito está em compreender em primeiro lugar, alguns sinais que estão condicionadas aos empréstimos linguísticos; em segundo lugar, os sinais que não estão condicionados às influências de outra cultura linguística; em terceiro lugar, os sinais que sofreram alterações ao longo do tempo.

Assim, começaremos pelo alfabeto:



Figura 1: Registro do alfabeto.

Fonte: Gama (1875), Oates (1990) e Capovilla et al. (2019)

O que podemos observar nessas documentações é que o primeiro dicionário teve influência francesa, uma vez que a própria documentação foi compilada para que as comunidades Surdas brasileiras tivessem acesso. No documento dois e três, já percebemos aproximações e o diferencial com relação ao primeiro dicionário, ou seja, a temporalidade foi ganhando novos formatos e o alfabeto foi legitimado. Com isso, aquele formato do alfabeto francês foi mudando conforme a forte característica da Libras foi se consolidando.

É importante destacar que, embora a Libras seja autônoma e não dependa do português e nem do francês, ela tem o empréstimo dessas línguas quando faz uso do alfabeto e da datilologia. Porém, urge compreender que o alfabeto não substitui a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e nem a Língua de Sinais Francesa (LSF), pois se trata apenas de empréstimo linguístico. Por isso, devemos identificar que a finalidade do alfabeto para o uso da datilologia ocorrerá apenas quando há necessidade de se expressar: nome de pessoas; Topônimos (nome de um lugar) etc.

Vejamos a seguir:

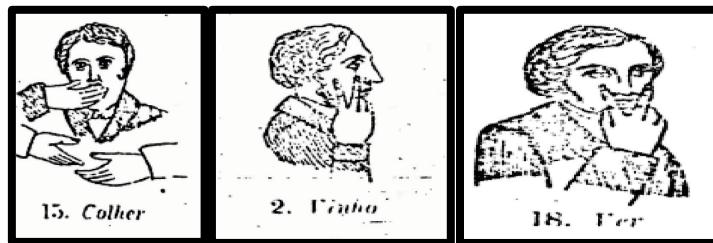


Figura 2: Registro desenhado e fotografado de sinais

Fonte: Gama (1875)

Embora os sinais sejam compilações, a legenda foi traduzida para o português e não há permanência do francês. Entretanto, vamos perceber que a configuração da mão é a mesma tanto para a escrita do francês quanto do português, ou seja, colher (português) e *couver* (francês). Nesses casos, a configuração de mão é em C da mesma forma como está no alfabeto e a correspondência do sinal; Vinho (português) e *vin* (francês), a configuração de mão está em V; Ver (português) e *voir* (francês) configuração de mão em V. Vale destacar que não temos a letra W, o próprio V o dedo anular como representando o terceiro dedo aparece no quadro como que estivesse quase apagado.

Nos exemplos expostos, a seguir, considerando-se os empréstimos linguísticos. Vamos perceber que a letra inicial do sinal corresponde, da mesma forma, à escrita do português e do francês.

O empréstimo linguístico também pode ocorrer por meio dos sinais franceses em que os sinais originais permanecem como referencial para a cultura brasileira, vejamos os exemplos:



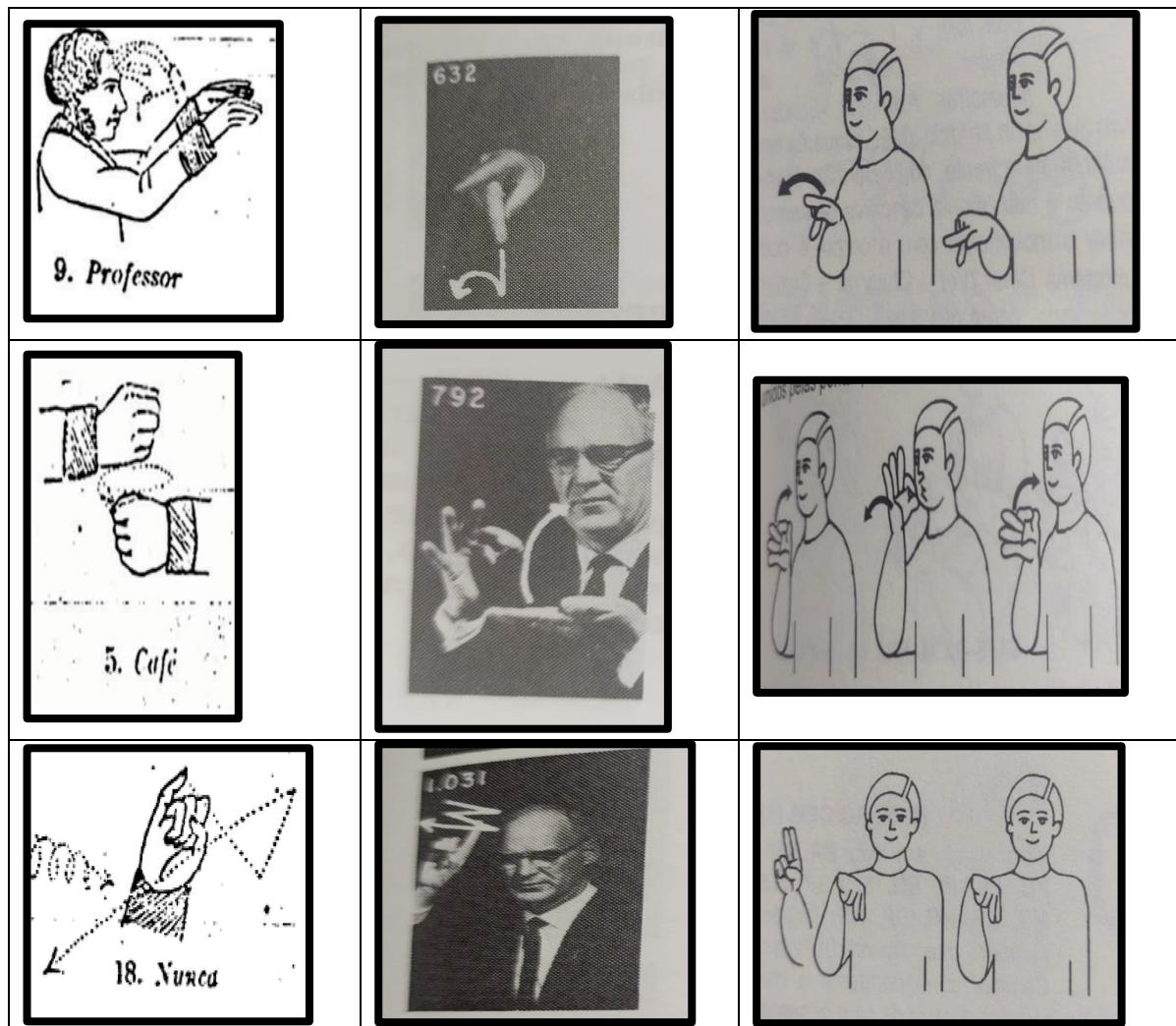
Quadro 1: Comparação entre diferentes registros dos sinais vinho, espelho e casa

Fonte: na ordem das colunas, respectivamente, Gama (1875), Oates (1990) e Capovilla *et al.* (2019)

Observamos que o primeiro o empréstimo linguístico ocorre tanto na configuração de mão em V quanto na letra inicial da palavra tendo em vista a influência linguística que impregnou na cultura brasileira.

No segundo e no terceiro exemplos, os sinais correspondentes não são representados pela letra inicial da escrita, pois a configuração de mão difere de Espelho e de Casa, mas os sinais franceses em compilação para cultura brasileira permanecem, ou seja, quando do empréstimo linguístico dos sinais.

A seguir, veremos os sinais que ao longo do tempo sofreram alterações nos sinais:



Quadro 2: Comparação entre diferentes registros dos sinais professor, café e nunca

Fonte: na ordem das colunas, respectivamente, Gama (1875), Oates (1990) e Capovilla *et al.* (2019)

Na medida em que a sociedade muda, o contexto linguístico também vai sofrendo alterações por meio das relações de convivência e percepção de cultura. Vimos isso a partir da análise das diferenciações em decorrência do tempo. Para os sinais de Professor, Café e Nunca, o que mudam são os parâmetros, a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação/direção e expressões faciais e corporais que vão gerando novos sentidos à sinalização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES INACABADAS

Retomando ao título: História e Historiografia das Línguas: Libras é uma Língua Pura? Devido à importância de se compreender a história sobre as discussões linguísticas que envolvem os Surdos, consideramos ser imprescindível aprofundar esse estudo, por meio da historiografia linguística, ou seja, da análise dos escritos de época, de mentalidades e discussões para que pudéssemos entender o itinerário dos Surdos em seus aspectos social, cultural e de língua.

Pudemos perceber que a concepção de que Libras é uma língua pura não pode ser um dogma, pois é preciso levar em conta todo o percurso cultural e linguístico que moldou as relações de convivência e de comunicabilidade não apenas em processo das análises de sinais, mas no modo como as configurações dialógicas transcendem para a nossa realidade educativa atual.

Assim, observamos os estudos sobre ensino de línguas mediado por tecnologias digitais como ferramentas importantes para a expansão do aprendizado sobre novos olhares, digitais: as fotos, imagens, textos e, principalmente, línguas em processo de

multimodalidade e modalidade. Tal mobilidade linguística é propiciada pelo amplo leque de repertório cultural de língua, alinhada às necessidades do tempo presente. O mundo atual em que vivemos, onde as práticas sociais requerem expressões criativas, com um conjunto amplo de recursos de diferentes linguagens e línguas e de modalidades. Pois o mundo virtual dos ambientes online se tornou, ele próprio, um espaço possível de ensino e de aprendizagem de línguas.

Nessas condições, não há como não considerar a língua como uma construção social e cultural concebida em itinerário histórico, pois, como vimos em nosso estudo, isso não foi um processo linear, uma vez que a língua foi construída em um percurso no qual os humanos engendraram reflexões e ressignificaram análises críticas, conforme a combinação de suas ações e de suas necessidades, dada a importância da expansão que a língua exigiu/exige diante do contexto em que os Surdos estavam/estão inseridos. Daí a necessidade em se compreender a língua para além das concepções linguísticas em conformidade com as transformações que fomentaram e fertilizaram o terreno dialógico, enquanto causas e consequências, e permeou/permeia as relações de convivência.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. *Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2009.
- AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora Unicamp, 1994.
- BAGGIO, M. A.; NOVA, M. da G. *Libras*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.
- BARROS, J. D'A. Historicismo: notas sobre um paradigma. *Antitéses*, v. 5, n. 9, p. 391-419, jan./jul. 2012.
- BENDITO, M. Intencionalidade ou Intermedialidade? Críticas à Recepção Historiográfico do tema de Babel em Pieter Bruegel, o Velho e a Escola de Antuérpia. *Eikón Imago*, p. 1-22, 2024.
- BERTRAND, A. (dir.). *Condillac, philosophe du langage?* Nouvelle édition [en ligne]. Lyon: ENS Éditions, 2016.
- CAMPELLO, A. R. e S. A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII A XXI. *Revista Mundo & Letras*, José Bonifácio/SP, v. 2, p. 8-25, jul. 2011.
- CAPOVILLA, F. C. et al. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mâos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- CARBONI, F.; MAESTRIA, M. *A Língua Escravizada: Língua, História, poder e Luta de Classes*. 3a ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- L'ABBÉ. Carta de impressa de M. L'Abbé X... professor de surdos e mudos, ao M. L'Abbé X. seu amigo íntimo, 1771.
- CERIZARA, A. B. *Rousseau: a educação na infância*. Editora Scipione, 2001.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CUNHA JÚNIOR, E. P. da. Os surdos vão à escola no Brasil: breve histórico. In: STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.). *Referenciais para o Ensino de Língua Brasileira de Sinais como Primeira Língua para Surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021, p. 36-51.
- CUNHA JÚNIOR, E. P. da. *O embate em torno das políticas educacionais para surdos*: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.; PUECH, C. *Uma História das Ideias Linguísticas*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

CONDILLAC, É. B. de. *Traité des Systèmes*. Ch. Houel, imprimeur, Paris, 1798.

CONDILLAC, É. B. de. *Le commerce et le gouvernement considérés relativement l'un à l'autre. Ouvrage élémentaire*, 1776.

D'ARNOBAT. *Essai sur de prétendus découverts nouvelles*. Dont la plupart sont âgées de plusieurs siècles. Paris: C.F. Patris, 1803, p. 23.

DESLOGES, P. *Observations d'un sourd et muet sur un cours élémentaire d'éducation des sourds et muets*. Publié par Good Press, 1780.

DENT, N. J. H. *Dicionário Rousseau*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

DIDEROT, D. *Carta Sobre os Cegos, endereçado àqueles que enxergam*. Cartas Sobre os Surdos e Mudos, endereçada àqueles que ouvem e falam. São Paulo: Editora Escala, 2006.

DOKIC, J. *Condillac et le proto-langage, entre autres précurseurs*. Condillac, philosophe du langage ? Lyon : ENS Éditions, 2016.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: Uma Introdução ao Estudo da História das Línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GAMA, F. J. *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. Rio de Janeiro: INES, 2011.

HUET, E. Relatório à Comissão Diretora, abril de 1856.

HUET, E. Relatório ao Imperador, 22 de junho de 1855.

JACKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

JACKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

L'ÉPÉE, M. A. *La véritable manière d'instruire les sourds et muets*. Paris: Fayard, 1784.

L'ÉPÉE, M. A. *Instruction des Sourds et Muets par la voie des Signes Méthodiques*, Paris: Fayard, 1776.

MACEDO, M. G. D. *A Cultura Popular nas Obras de Bruegel*: Um Retrato das Pequenas Aldeias Rurais do Século XVI. Campina Grande/PB março/2014. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

OAEST, E. *Linguagem das Mãos*. São Paulo: Aparecida, Editora Santuário, 1990.

PEREIRA, J. R. *Observations sur treize des Principales Langues de L'Europe*. 1779.

PEREIRA, J. R. *Carta para Pierre Desloges*, 1780.

RÉGO, J. S. do. *A Filosofia de Condillac e a Fundação da Linguística Moderna*. Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA, out.dez. 2017.

ROGERS, H. *Cronologia das revelações de Deus* – quando, como a quem e o que foi revelado. Blog do prof. H. 2023. Disponível em: <https://blogdoprofh.com/2023/08/20/cronologia-das-revelacoes-de-deus-quando-como-a-quem-e-o-que-foi-revelado/> Acesso em: 12 jul. 2024.

ROUSSEAU, J. *Ensaio sobre a Origem das Línguas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

ROUSSEAU, J. *A Origem da Desigualdade entre os Homens*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

SALGUEIRO, E. E. G. *Jacob Rodrigues Pereira*: Homem de Bem, Judeu Português do Século XVIII, Primeiro Reeducador de Crianças Surdas e Mudas em França. Textos de Educação. Fundação Caloute, Lisboa, 2010.

SCHAFF, A. *História e Verdade*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SOFIATO, C. G. *Do desenho à litogravura: a origem da iconografia da Língua Brasileira de Sinais*. 2011. Tese (Doutorado, área de concentração: Artes Visuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOFIATO, C. G; REILY, L. H. “Companheiros de infortúnio”: A Educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. *Revista de Educação*. PUC-Campinas, Campinas, v. 16, n. 2, p. 625-640, jul./dez, 2011.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.). *Referenciais para o Ensino de Língua Brasileira de Sinais como Primeira Língua para Surdos na Educação Bilíngue de Surdos*: da Educação Infantil ao Ensino Superior. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

WIKIART. *A Torre de Babel* – Pieter Bruegel o Velho. 2016 [1563]. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/pieter-bruegel-o-velho/a-torre-de-babel-1563>. Acesso em: 12 jul. 2024.



Recebido em 30/05/2023. Aceito em 29/06/2024.